

VISÃO DO CORREIO

O choque do petróleo e o risco da inflação

A guerra no Oriente Médio completa duas semanas e já produz efeitos que ultrapassam largamente o campo militar. O conflito mergulhou a economia mundial em um círculo de incertezas, um fantasma que parecia superado desde as crises energéticas do século passado ronda a economia mundial: o choque do petróleo. Com refinarias bombardeadas, rotas de exportação ameaçadas e tensões crescentes entre potências regionais, o barril de petróleo pode atingir a marca estratosférica de US\$ 200, caso o conflito se amplie.

Não se trata de mera especulação. O Oriente Médio concentra parte significativa da produção mundial de petróleo e derivados estratégicos. Países do Golfo, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Catar e Kuwait são grandes fornecedores de subprodutos do refino, entre eles o enxofre, matéria-prima essencial para fertilizantes e processos metalúrgicos. A interrupção dessas cadeias de suprimento já afeta setores industriais em diferentes partes do mundo, da mineração de níquel à produção de insumos agrícolas.

Com a economia global ainda fragilizada por choques como a pandemia, a guerra na Ucrânia e as tensões comerciais com os EUA, a escalada do conflito aumenta a instabilidade. O petróleo é o principal insumo energético do planeta e qualquer disparada de preços repercute rapidamente em transportes, alimentos, energia e cadeias produtivas inteiras. Há risco de pressão inflacionária generalizada.

No Brasil, os efeitos já são percebidos. O governo federal anunciou, na quinta-feira, medidas emergenciais para amortecer o impacto da alta do petróleo sobre a economia doméstica, entre as quais a zeragem de tributos federais sobre o diesel — PIS e Cofins — e a concessão de uma subvenção a produtores e importadores do combustível, com o objetivo de reduzir o preço final nas bombas. Na prática, a expectativa oficial é que o diesel tenha uma queda aproximada de R\$ 0,64 por litro.

O diesel é o combustível que move o transporte de cargas, a agricultura e boa parte da logística nacional. Qualquer elevação significativa do seu preço tende a contaminar toda a cadeia de custos, pressionando desde o frete até o valor final dos alimentos. O governo evitar que a inflação de custos se espalhe rapidamente pela economia.

Entretanto, trata-se de um paliativo, que pode suavizar os efeitos imediatos, mas não tem capacidade de neutralizar um choque externo de grandes proporções. Se a guerra se intensificar e o petróleo atingir níveis próximos a US\$ 200, as pressões inflacionárias tendem a ultrapassar qualquer mecanismo fiscal temporário.

Para o Palácio do Planalto, o risco maior é o impacto sobre o preço da gasolina, que afeta diretamente o bolso do consumidor e, conseqüentemente, o humor do eleitorado. Em um ano eleitoral, a inflação dos combustíveis pode ter efeito devastador. O aumento do custo de vida costuma ser percebido de maneira imediata pela população e rapidamente se converte em desgaste político.

Guerra, energia cara e inflação criam um ambiente imprevisível. Embora seja produtor relevante de petróleo, o Brasil não está isolado das turbulências do mercado internacional. Os preços domésticos, em maior ou menor grau, acabam refletindo a dinâmica global da commodity. Mais do que reagir a cada nova escalada do conflito, o momento exige pensamento estratégico.

A dependência mundial de combustíveis fósseis é a maior vulnerabilidade da economia moderna. E crises geopolíticas podem rapidamente se transformar em choques econômicos globais. Enquanto a guerra prosseguir sem perspectiva clara de solução, governos e mercados viverão o signo da incerteza. No curto prazo, resta administrar os impactos e proteger os setores mais sensíveis da economia. A médio e longo prazos, porém, a segurança energética continua sendo um dos pilares centrais da estabilidade econômica e política no mundo contemporâneo.



MARCOS PAULO LIMA

marcospaulo.df@cbtnet.com.br

Ancelotti e a Seleção de vidro

Carlo Ancelotti fará nesta segunda-feira a penúltima convocação do Brasil antes do anúncio da lista final dos 26 eleitos, em 16 de maio. Pela primeira vez, o técnico é o protagonista da Seleção. Não ostentamos um Mbappé, Cristiano Ronaldo, muito menos um Messi. Nem a camisa encanta. Não gostei do modelo azul. Sou torcedor do Chicago Bulls, fã do Michael Jordan, mas seria muito mais simpático com o país do futebol o icônico soco no ar do Rei do futebol em vez do salto do Pelé do basquete. É o logo, business, entendo. Mais um escárnio ao uniforme, que também é usurpado na polarização política.

A imprensa internacional sabe que o Brasil tem Vinicius Junior, Raphinha, Estêvão, Endrick, talvez Neymar, mas não sejamos negacionistas: a nossa fé está depositada no técnico campeão nas cinco principais ligas da Europa — Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Italiano. Recordista de títulos da Champions League com cinco orelhudas no currículo: duas no Milan e outras três no Real Madrid. Ele é o cara.

A questão é a demanda de milagres sobre o ombro de Ancelotti. Para mim, o Brasil titular do Carletto (não o meu), hoje, no 4-2-4, é: Alisson; Éder Militão, Marquinhos, Gabriel Magalhães e Douglas Santos; Casemiro e Bruno Guimarães; Estêvão, Raphinha, Matheus Cunha e Vinicius Junior. Descartei Rodrygo. Infelizmente, ele se lesionou. Perda enorme! Foi operado. Vai esperar até a Copa de 2030 para curar a dor causada pelo pênalti perdido contra a Croácia nas quartas de 2022. O jovem terá 29 anos na edição centenária. Se Rodrygo fosse o único problema... O

goleiro Alisson lida com muitas contusões. Éder Militão sofreu ruptura no músculo bíceps femoral da perna esquerda. A estimativa do retorno é abril. Bruno Guimarães se recupera de uma lesão muscular de grau 3 na coxa esquerda. O meia do Newcastle tornou-se uma espécie de camisa 10 poço no meio de campo do italiano.

Estêvão virou xodó do Ancelotti, porém é outro paciente do departamento médico. O Chelsea decidiu não relacioná-lo na partida de ida contra o Paris Saint-Germain pelas oitavas da Champions League. O diagnóstico é lesão muscular. Raphinha não vive a temporada mais saudável da carreira. Sofreu pelo menos três lesões musculares. Meteu atestado em 13 jogos do Barcelona. Tem jogado inseguro. Não é o mesmo da temporada passada.

Como se não bastasse a falta de laterais, os disponíveis no exterior estão machucados: o destro Vanderson e o canhoto Caio Henrique, ambos do Monaco. Na defesa, o zagueiro Alex Ribeiro é refém do DM. Há outros jogadores de vidro. Ancelotti gosta de Danilo e Alex Sandro. Os dois com prontuários de contusões, inclusive durante a Copa. Nem falei do Neymar...

A Copa demandará excelência física, técnica e tática. Estive nos Estados Unidos na cobertura da Copa de Clubes da Fifa e testemunhei o sacrifício hercúleo para entregar performance. Logo, Ancelotti está diante da escolha de Sofia: montar colcha de retalhos, Seleção de vidro ou cumprir o pré-requisito estabelecido na convocação de agosto do ano passado, ou seja “estar 100%”? A ver...



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail: sredat.df@dabr.com.br**

Que país é este?

A primeira estrofe da canção “Que país é este”, escrita por Renato Russo em 1978 e lançada em 1987 pela Legião Urbana, é muito atual, refletindo perfeitamente o Brasil de hoje. Temos os poderes constituídos mais caros do mundo, principalmente o Judiciário, com salários e penduricalhos absurdos, desrespeitando o teto constitucional. É uma máquina inchada, ineficiente e perdulária. São 31 ministérios e seis órgãos com status de ministério e o governo, com grande alegria, anuncia a criação de 17 mil novos cargos para o Executivo, com impacto que pode chegar a R\$ 5,3 bilhões em 2026. O Brasil possui atualmente 44 empresas estatais federais sob controle direto da União, as quais proporcionam muitos empregos para os “amigos do rei”. No legislativo federal temos 513 deputados e 81 senadores, com milhares de assessores. São 30 partidos registrados no TSE e outros 23 em formação. O Fundo Eleitoral para 2026 soma R\$ 4,9 bilhões e o Fundo Partidário R\$1,4 bilhão. As emendas parlamentares alcançam R\$ 61 bilhões em 2026, a maioria para atender aos currais eleitorais, sem qualquer ligação com os interesses nacionais. A carga tributária do país é uma das mais elevadas do mundo, sem a contrapartida do retorno dos serviços públicos. A taxa de juros reais é exorbitante, ocupando a segunda posição no ranking global, inibindo investimentos e jogando centenas de empresas na recuperação judicial e extrajudicial. O valor total reservado para investimentos no orçamento federal para 2026 soma R\$ 6,5 trilhões, mas o espaço discricionário é bastante restrito, representando cerca de 5% a 8% do total, dado que 94% das despesas são obrigatórias. Considerando que as despesas com o fundo eleitoral, com o fundo partidário, com as emendas parlamentares e com os programas sociais do governo são quase totalmente dedicadas para fins eleitoreiros, o desperdício de recursos que poderiam ser destinados a investimentos é monumental. Com tudo isso é possível acreditar no futuro na nação? Como disse Carlos Lacerda: “O país do amanhã — só que amanhã é feriado”.

» **Marcus A. Minervino**
Lago Sul

Fragilidade

Um assessor de Trump tenta visitar Bolsonaro, o Itamaraty acende o alerta de interferência externa, e Moraes, que antes autorizara a visita, volta atrás e a veta. No DF, o episódio cai como mais um ingrediente em um ambiente inflamado por crises, CPIs e disputas internas. O mais instigante é que ninguém discute o essencial: “Por que figuras estrangeiras orbitam a nossa política com tanta naturalidade?” O veto expõe algo maior — a fragilidade de fronteiras entre interesses nacionais e agendas importadas. E, enquanto isso, seguimos assistindo a autoridades que só reagem quando o risco já bateu à porta.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Exploração de riquezas

A exploração que marcou a formação do Brasil tem raízes profundas na história. Antes da chegada dos europeus, povos como Tupinambás e Guaranis viviam em harmonia com a natureza. Esse equilíbrio começou a ser rompido em 1500, com a chegada da expedição de Pedro Álvares Cabral e a exploração das

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Guerra: Irã avisa ao Trump e Netanyahu, que lá o canal é estreito.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

As bombas de lá, fazem as bombas de cá explodirem.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Surpreendentemente está ficando mais fácil achar vagas de estacionamento na Asa Sul. O motivo está relacionado ao fechamento de lojas decorrente do comércio eletrônico, economia, segurança e problemas sociais. Ruim para o governo e a sociedade.

Marcos Figueira — Sudoeste

“Penso, logo existo”. Descartes.”Existo, mas não penso”, Bolsonaro.

Evaldo Per — Brasília

Parabéns pela conquista, mulheres! Lutaram tanto, né? Erika Hilton!

Lindomar Santos — Natal (RN)

Tudo que o Brasil precisa é parar de passar a mão na cabeça de criminosos.

Lucia Helena Silva — Uberlândia (MG)

riquezas do território, primeiro com o pau-brasil e, depois, com o ouro de Minas Gerais, grande parte enviada para a Europa. Ao longo dos séculos, manteve-se uma lógica de extração e concentração de riqueza nas mãos de poucos. Por isso, muitas desigualdades atuais são reflexos desse passado, e compreender essa história é essencial para buscar mais justiça social.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Exploração de riquezas

A exploração que marcou a formação do Brasil tem raízes profundas na história. Antes da chegada dos europeus, povos como Tupinambás e Guaranis viviam em harmonia com a natureza. Esse equilíbrio começou a ser rompido em 1500, com a chegada da expedição de Pedro Álvares Cabral e a exploração das riquezas do território, primeiro com o pau-brasil e, depois, com o ouro de Minas Gerais, grande parte enviada para a Europa. Ao longo dos séculos, manteve-se uma lógica de extração e concentração de riqueza nas mãos de poucos. Por isso, muitas desigualdades atuais são reflexos desse passado, e compreender essa história é essencial para buscar mais justiça social.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotograficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br